

Narguilé: o que sabemos?

<https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2019v65n4.824>

Waterpipes: how much do we know about them?

Narguile: ¿qué sabemos?

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Narguilé: o que sabemos?. Rio de Janeiro: INCA, 2019. 100p.

ISBN 978-85-7318-381-8 (versão impressa)

ISBN 978-85-7318-382-5 (versão eletrônica)

Adriana Tavares de Moraes Atty¹

O aumento no uso de narguilé se deve, principalmente, ao fato de ser considerado menos prejudicial do que o cigarro tradicional. Os jovens são os mais susceptíveis ao uso, pois o narguilé apresenta um forte componente de socialização^{1,2}.

Mas o que se observa é um grande desconhecimento acerca do narguilé e as implicações de inalar seus vapores, independente da utilização ou não do tabaco. Daí a relevância da recente publicação do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) - *Narguilé: o que sabemos?*

O livro, resultado de uma parceria entre a Organização Pan-Americana da Saúde, a Organização Mundial da Saúde e o INCA, reuniu evidências científicas sobre o narguilé e as organizou em 15 capítulos.

No primeiro capítulo, o leitor é apresentado à história do narguilé ao redor do mundo e ao surgimento da crença de que a passagem da fumaça por um compartimento com água tornaria o seu uso mais inofensivo, pois a água atuaria como um filtro.

Em seguida, o livro descreve o resultado de pesquisas realizadas no Brasil e no mundo sobre a prevalência do uso do narguilé. Destacam-se, no Brasil, os dados do Ministério da Saúde que indicam um aumento de 139% na proporção de homens, de 18 a 24 anos, fumantes de narguilé entre 2008 e 2013.

Sobre os fatores que influenciam a experimentação do narguilé – capítulo 3 – argumenta-se como a colocação de aditivos no tabaco, com objetivo de acrescentar aromas e sabores, tornou atraente o seu uso principalmente entre os jovens. Assim como aborda a utilização do narguilé na socialização, dada a sua alta aceitação social e por ser considerada uma prática divertida, prazerosa e emocionante.

No que tange ao conhecimento existente sobre o narguilé, a publicação ressalta a importância de disseminar informações sobre os seus malefícios. Também aponta a escassez de dados sobre o padrão de uso e de dependência e disponibiliza um modelo de questionário que, ao ser adaptado à realidade de cada local, permitirá construir o cenário sobre o consumo do narguilé.

Os capítulos 5 e 6 apresentam a engenharia e os componentes do narguilé, fornecendo subsídios à vigilância necessária para que haja a correta utilização do aparelho.

A descrição das metodologias utilizadas nos estudos sobre a topografia da tragada do cigarro e do narguilé apresentada no capítulo 7 é extremamente importante na avaliação dos efeitos do seu uso, especificamente. Considerando, por exemplo, o estudo sobre a topografia da tragada, foi possível verificar que, em uma hora de sessão de narguilé, o fumante inala a fumaça de aproximadamente 100 cigarros.

A comparação do narguilé com o cigarro segue nos capítulos seguintes quando a publicação apresenta ao leitor, de maneira didática e pormenorizada, as diferenças observadas na composição química e na concentração de substâncias. Foram apresentados resultados de pesquisas que verificaram as diferenças entre o narguilé com tabaco e o cigarro tradicional e entre o narguilé com e sem tabaco.

A convicção de que o uso do narguilé sem tabaco é opção saudável mostrou-se equivocada com os resultados apresentados. Embora a nicotina não tenha sido encontrada nas essências sem tabaco, as demais substâncias tóxicas foram encontradas em concentrações similares ou até superiores às com tabaco.

¹ Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2271-746X>. E-mail: aatty@inca.gov.br



O livro também aborda as estratégias da indústria do tabaco em alcançar os usuários de narguilé sem tabaco. Contudo, como aponta a publicação no capítulo 10, o seu uso consiste em inalar também as substâncias liberadas pelo carvão vegetal ao ser aquecido. Logo, o usuário continua se expondo às substâncias prejudiciais à saúde mesmo sem utilizar o tabaco.

No capítulo seguinte, discute-se o efeito dessas substâncias entre os fumantes passivos, evidenciando riscos potenciais à saúde em aspirar a fumaça do narguilé. Avaliação muito importante principalmente pela característica socializante que o narguilé possui.

Os capítulos 12 e 13 tratam, respectivamente, da dependência de nicotina em usuários de narguilé e do tratamento para seus dependentes. Os resultados de pesquisas apontaram para riscos significativos na instalação de dependência de nicotina entre os usuários. Considerando a atração dos jovens pelo narguilé, essa temática merece atenção e investimento em mais pesquisa.

Uma publicação com esse assunto e de tal relevância não poderia deixar de abordar a Convenção-Quadro da Organização Mundial da Saúde para o Controle do Tabaco (CQCT/OMS) e conseqüentemente a regulamentação do narguilé no Brasil.

A CQCT/OMS é um marco importante no controle do tabaco no Brasil e no mundo. Entre os artigos da CQCT/OMS, destaca-se o décimo, que discute a necessidade de disseminar informação sobre os componentes tóxicos dos produtos que contêm tabaco.

A publicação se dedicou a compartilhar os vários aspectos que envolvem o consumo do narguilé e principalmente a desmistificar a aparência inofensiva que muitos tentam imputar a ele e que vem fazendo com que essa prática cresça muito. E, por conseguinte, deixa explícito o desafio de regulamentar o narguilé no Brasil. Aponta muito bem os desafios de se elaborar políticas capazes de abordar as especificações seguras para cada componente do equipamento, as substâncias que possam ser utilizadas e os locais para o seu uso.

Mas também são apresentadas ao leitor recomendações específicas para o narguilé, baseadas na CQCT/OMS e na legislação já existente no país, logo, podem ser implementadas imediatamente, como por exemplo: a proibição de imagens, símbolos ou quaisquer estratégias que visem a promover uma propaganda enganosa que relacione o narguilé a algo natural ou menos prejudicial à saúde.

Os autores reuniram diversos estudos sobre a temática e conseguiram, além de apoiar a discussão em evidências científicas, demonstrar que o narguilé é um problema mundial. Embora muitos aspectos ainda careçam de mais pesquisas, o crescente consumo, principalmente entre os jovens, precisa ser enfrentado, pois já há evidências dos sérios riscos à saúde.

Certamente, *Narguilé: o que sabemos?* é uma publicação de grande valia aos profissionais de saúde, aos gestores e aos estudiosos dos efeitos nocivos do tabaco no organismo humano.

REFERÊNCIAS

1. Rayens MK, Ickes MJ, Butler KM, et al. University students' perceived risk of and intention to use waterpipe tobacco. *Health Educ Res.* 2017;32(4):306-17. doi: <https://doi.org/10.1093/her/cyx049>
2. Hammal F, Wild TC, Finegan BA. Knowledge About the Waterpipe (Hookah), a Qualitative Assessment Among Community Workers in a Major Urban Center in Canada. *J Community Health.* 2016;41(4): 689-96. doi: <https://doi.org/10.1007/s10900-015-0143-9>

Recebido em 25/11/2019
Aprovado em 25/11/2019